

CMR Sul em S.Brás

D.R.

Na vanguarda da reabilitação

Além de um tratamento personalizado, os responsáveis pelo Centro de Medicina Física e Reabilitação do Sul (CMR Sul) privilegiam a aposta nas últimas tecnologias no âmbito da reabilitação. Formação e actualização constante dos funcionários e sistemas informáticos precisos, no registo da evolução dos doentes, são desafios ganhos, em apenas seis meses **Págs. 7 e 8**



e | Sociedade

CMR Sul na vanguarda da reabilitação

Os doentes são tratados pelos nomes

Além de um tratamento personalizado, os responsáveis pelo Centro de Medicina Física e Reabilitação do Sul (CMR Sul) privilegiam a aposta nas últimas tecnologias ao dispor dos cuidados no âmbito da reabilitação. Formação e actualização constante dos funcionários e sistemas informáticos precisos, no registo da evolução dos doentes, são outros dos desafios ganhos, em apenas seis meses de vida

TEXTO: NOÉLIA VIEGAS
FOTOS: NOÉLIA VIEGAS E CMR SUL

Inaugurado em 1918, o Sanatório Vasconcelos Porto ficará na memória, representante de uma época em que a luta contra a tuberculose se fazia, através da «força curativa da natureza». Hoje, a estrada resguardada por arvoredos imponentes no Sítio das Almargens, em São Brás de Alportel, conduz-nos a um local bem diferente.

Após várias obras de requalificação, o conjunto de edifícios deu origem a um conceito pioneiro em Portugal, transformando-se na primeira parceria público-privada, no sector da saúde. "O Centro abriu a 6 de Abril deste ano. O edifício é público, mas a gestão é privada. Foi contratado durante sete anos pelo Grupo Português de Saúde, podendo ser renovado no final", explica João Pimenta, director do CMR Sul.

Dotado de dois pisos de internamento, com 54

camas, o Centro integra dois ginásios, uma piscina e tanque, várias salas e gabinetes de terapia e todas as condições logísticas, como refeitório, cozinha e cafetaria, lavandaria e área administrativa.

Focalizando-se na reabilitação física de doentes, o Centro recebe sobretudo pessoas vítimas de lesões medulares (paraplegias e tetraplegias), de traumatismos cranianos, de Acidentes Vasculares Cerebrais (AVCs) e de outras doenças degenerativas do foro neurológico. "Não recebemos doentes agudos. Só doentes já estabilizados nos hospitais distritais", nota João Pimenta. Assim, após a passagem pelo hospital distrital, o doente poderá ser enviado para o Centro, caso reúna as condições necessárias à sua admissão. "Poderá ser o médico assistente a requisitar à Administração Regional

de Saúde do Algarve que o doente seja enviado para cá. Depois, nós marcamos uma consulta para uma avaliação inicial", esclarece o director de 29 anos.

Margarida Sizenando é directora clínica e descreve-nos os critérios necessários para ingressar no serviço de internamento. "Ser portador de uma doença, lesão ou situação clínica, que determine a necessidade de cuidados permanentes, com apoio de enfermagem e médico 24 horas e com necessidade de regime intensivo de reabilitação". Adianta ainda que é necessário haver um benefício esperado, que o doente não pode ter complicações por esclarecer e que deve estar apto a suportar e a colaborar num programa de reabilitação intensivo. "Não recebemos doentes que venham para estar na cama", frisa a directora. "Dormem na sua cama, mas estão suficientemente estabilizados para poderem participar nas actividades terapêuticas."

Seis a sete horas de trabalho por dia

De facto, os internados nesta unidade de saúde têm, pela frente, seis a sete horas de trabalho por dia, com as necessárias pausas e consoante as suas capacidades. O trabalho é a participação nas terapias, que lhes permitirão recuperar parte ou a totalidade da sua funcionalidade e autonomia. "Normalmente, as pessoas confundem muito fisioterapia com reabilitação: é só uma área", lembra a médica. "Faz a parte física



O director, João Pimenta, sublinha que só são recebidos doentes estabilizados

e mecânica, o esforço muscular, os treinos de equilíbrio, a hidroterapia, é tudo o que conduz à funcionalidade mais básica", esclarece. Para o reaprender das actividades da vida diária, utiliza-se a terapia ocupacional. Em relação estreita com a fisioterapia, permite ao doente conseguir voltar a comer usando os talheres ou a vestir-se sozinho. Por seu turno, a terapia da fala, faz o treino da articulação da palavra, da comunicação e da deglutição. "Muitas destas pessoas ficam com alterações da deglutição. Engasgam-se, não conseguem engolir. É grave, pois podem fazer uma pneumonia de aspiração ou mesmo sufocar", salienta a directora.

Os períodos médios de internamento situam-se nos 90 dias para os que sofreram lesões medulares e traumatizados de crânio e cerca de um mês para as vítimas de AVCs. O Centro também presta serviços de ambula-

tório e consultas periódicas àqueles que já receberam tratamento ou que não necessitam de ser internados.

Apesar da prioridade ser dada aos doentes do Algarve e do Baixo Alentejo, a entrada no Centro não está limitada às pessoas destas regiões, desde que não exista lista de espera. "Neste momento, podemos receber pessoas de todo o país, porque temos 30 doentes internados e 54 camas", assinala João Pimenta.

"Há médicos que ainda não sabem o que fazemos"

Segundo o director, apesar de já se terem feito sessões de esclarecimento nos hospitais distritais, ainda existem muitos médicos que desconhecem o trabalho do CMR Sul. "Há médicos que ainda não sabem o que fazemos. Há um processo de adaptação à referência para cá", afirma. Desta forma, a iniciativa pode partir

dos próprios doentes ou da família. "Caso o médico não o sugira, devem perguntar se o doente não poderá vir. O médico vai informar-se e poderá pedir a referência". É que os hospitais também asseguram cuidados de reabilitação, mas não estão vocacionados apenas para esta área. O CMR Sul é especializado nestas terapias e possibilita que estas sejam aplicadas durante períodos de tempo mais alargados. "O processo de reabilitação é longo, difícil, exige muita persistência, repetição diária e permanente, até se conseguir manter um resultado funcional sólido. Para isso, são precisas estruturas deste género", defende a Dra. Margarida.

O Centro possui equipamentos que não são usuais noutras unidades hospitalares, estando na vanguarda em termos de tecnologia utilizada. Um dos exemplos é o sistema de calhas utilizado no transporte dos doentes



Os internados têm sete horas de trabalho por dia



Para a recuperação, total ou parcial, a hidroginástica tem uma grande importância

para a piscina. O 'bladderscan' é outro dos instrumentos utilizados, como salienta Rafael Costa, enfermeiro coordenador. "O 'bladderscan' permite saber a quantidade de urina que o doente tem dentro da bexiga e, através de técnicas de treino de hábitos, permite que ele ganhe mais autonomia", explica.

Outro dos aspectos di-

ferenciadores do Centro é a forma como se processa a relação entre funcionários e doentes. "É muito diferente lidar com os doentes de um hospital de agudos e aqueles que têm um internamento de maior duração. Conseguimos conhecê-los melhor e ter uma maior relação terapêutica", esclarece o enfermeiro. Como exem-

plo, refere o facto de se pretender ensinar o doente a realizar determinadas tarefas, em vez de simplesmente executá-las por ele.

Além disso, o atendimento personalizado do Centro prima pela humanização das relações. "Aqui, os doentes não são tratados por um número de cama. Nos hospitais, diz-se o Sr.

da cama 54, por exemplo. Desde o princípio, sempre se tratou todos os doentes pelo nome", destaca convicta. Mas, a relação de confiança que se estabelece pode ter alguns senãos. "A aproximação deve ser sempre bem doseada. Queremos intervir no problema, resguardando a nossa sanidade mental. O ideal é sabermos aproximar e distanciar no momento certo. Se não, pode haver uma certa manipulação pelos doentes, mesmo inconsciente, e que pode não ser benéfica", diz aquele enfermeiro.

"Há muitos casos de casamentos"

O esquema de rotação de terapeutas e doentes aplicado no CMR Sul também é algo inovador. De acordo com a Dra. Margarida Sizenando, permite retirar grandes vantagens. "Faz com que todos os doentes recebam um tratamento que, no seu final, é igual, porque rodam e passam por todos os terapeutas, retirando deles o melhor que cada um puder dar".

Por outro lado, previnem-se relações de cansaço, de conflito ou mesmo amorosas. "Estar seis ou sete horas por dia com a mesma pessoa durante três meses cansa os dois lados", refere. "Muitas vezes, estabelecem-

se relações de paixão, de dependência entre doentes e terapeutas. Há muitos casos de casamentos. Isso, às vezes, é complicado de gerir numa situação de internamento e terapêutica", esclarece a médica. É motivador para o terapeuta, que consegue visualizar mais facilmente a evolução do doente e permite que todos estejam ao corrente do tratamento de cada paciente.

Ao nível da avaliação de resultados, o CMR Sul instaurou um programa informático, que lhe permite um registo da evolução dos doentes mais detalhado e sistematizado do que noutros hospitais. "Os resultados têm estado bem, dentro dos objectivos a que nos propomos, alguns até excedendo-os largamente", assegura Margarida Sizenando, que já se prepara para apresentar alguns desses dados num congresso mundial de lesões encefálicas.

Uma profissão recompensadora

Rafael Costa não se arrepende de ter seguido a profissão de enfermeiro, sobretudo quando é possível ver os benefícios resultantes do seu trabalho e da equipa. "Quando se começam a ver resultados, é a melhor recompensa que podemos ter, especialmente neste Centro", afirma. "Ver uma pessoa que entra em cadeira de rodas e a única coisa que consegue fazer é alimentar-se, muitas vezes sempre a engasgar-se, sair daqui a caminhar pelos seus próprios pés" diz, de brilho nos olhos. No entanto, a consciencialização dos doentes é também indispensável. "Podemos dar muita coisa, mas não damos milagres. Muitas vezes, os doentes têm as expectativas demasiado altas e, a meio do internamento, podem ter algumas decepções. Eles têm de consciencializar-se que há um limite. Por vezes, não podem melhorar tudo."



"Não tinham espaço nem ginásios suficientes"

Elsa Ramos, vítima de acidente, está internada no CMR Sul há três meses e garante que o tratamento oferecido é bem diferente daquele a que se submetia no hospital. "Não tem nada a ver. Fazia uma hora de fisioterapia e estava três horas à espera da ambulância. Aqui faço o dia todo", afirma. "Não tinham espaço, nem ginásios suficientes e a piscina para mim é essencial", acrescenta. Apesar de mencionar alguns aspectos que, na sua opinião, poderiam ser melhorados, como uma melhor adaptação das casas de banho para os paraplégicos, acredita que estes serão resolvidos em breve, elogiando o trabalho dos funcionários do Centro.